

## ARTIGO DEFINIDO

Cultura Inglesa  
aceita presente  
recusado e abre  
sala de projeção

Clovís Sosa

Deu-se que a Fundação Cultural não aceitou dois projetores de cinema de 35 milímetros. Projetores novinhos, dentro da caixa, presente da embaixada soviética.

Isto porém foi há 10 anos.

Simultaneamente a Cultura Inglesa está comemorando 10 anos, com uma programação que começou através de raro Hitchcock, *A Dama Oculta* (The Lady Vanishes) de 1938, após cuja exibição tivemos queijos, vinhos e Odette Ernest Dias à flauta e ainda discurso do poeta e professor Cassiano Nunes, programa que vai terminar no fim deste agosto com *Ladões de Bicicleta*, de Vitorio de Sica; *Fata Morgana*, de Herzog, e *Roma de Fellini*, do próprio. Os filmes seguintes: cinema norueguês.

Dois meses de festa. Tal qual São Luís, em se tratando de temporada de bumba-meu-boi.

Antes da Cultura, havia o Galpãozi-



inho, programado e animado pelo José da Mata, ou Damata, tanto faz. Como vier ele chuta ou cabeceia. E antes do Galpãozinho aí pelos inícios dos anos 70 o Da Mata funda o Cineclube Nelson Pereira dos Santos, que estreou no auditório da TV Brasília exatamente com *Maudacaru Vermelho* do mesmo Nelson e palestra de Rogério Costa Rodrigues.

O Galpãozinho-cinema estreou com *Dersu Uzala*, de Kurosawa, e logo fomos agarrados para falar no lançamento de *Encouraçado Potemkin*, de Eisenstein. A casa estava tão cheia que o então deputado Tancredo Neves teve de entrar pelos fundos a fim de disputar um lugar.

Era um Sete de Setembro e assinalamos a circunstância de sua mesma hora — um fim de tarde — emanando a programação oficial incluía a "abertura 1812" — um hino de triunfo do imperador russo, sob a regência do maestro Karabichevski —, nós ali mostrávamos justamente o filme clássico evocativo da revolta de marinheiros contra a tirania do Tzar.

O sucesso foi tanto — estávamos no início da abertura política —, que *Potemkin* teve de ser reprisado umas oito ou dez vezes.

Já a Cultura Inglesa, que começaria em 1981, estreou com *Deus e o Diabo*

na *Terra do Sal*, de Glauber, e o curta *Brasília segundo Feldman*, de Vladimir Carvalho. O filme seguinte seria *A Greve*, de Eisenstein.

Hoje se opta por outras alternativas, mas naquela época o cinema político interessava muito, sobretudo porque eram os primeiros mostrados após a refrega militar-udenista de 1964, com suas consequências aí sobre nós todos.

Um dia o jornalista Bóris (correspondente da Agência Tass e que prestava serviços extraordinários, na área cultural, à embaixada soviética) pergunta ao cineasta Pedro Borges de Castro, profes-

sor na Universidade de Brasília, se o Departamento de Comunicação da UnB não queria dois projetores de 35 milímetros, novinhos, dentro da caixa. Bóris explicou que a embaixada já estava equipada de projetores cinematográficos. Havia dois sobrando. Se a UnB quisesse, ele mandaria e seis meses depois daria, baixa.

Mas na UnB o Departamento de Comunicação não quis assumir. Em síntese; Pedro Jorge recebeu a explicação de que não havia espaço. Coisa mais ou menos assim.

É quando, passando frente ao Galpãozinho, Pedro Jorge lembrou-se de Da Mata. E deu-lhe a dica. Ora, o Galpãozinho só tinha um projetor e de 16mm. Muitos dos filmes admirados estavam em 35mm. Nem esperou. Da Mata foi à embaixada soviética no seu fusquinha e trouxe para o Galpãozinho os projetores, em duas viagens.

Mas o Galpãozinho é da Fundação Cultural. Então entra em cena o diretor-executivo daquela entarquia. E o faz balançando ritmadamente o indicador:

— Aqui não! E tira isso daqui!

Da Mata e Geraldo Sobral Bocha (este vira a se desligar depois da sociedade, para se dedicar ao "Moinho" e depois à "Estação 109", vão procurar dona Edith Faial (Edith do Céu Faial Jacques), então diretora da Cultura Inglesa. Dona Edith, se mostrou agradada com a idéia e disse que acompanhava com prazer o trabalho feito no Galpãozinho. Aproveu de pronto o projeto. E assim nasceu o cinema alternativo e importante chamado Cultura Inglesa.